



Extensão Universitária e Identidade Religiosa: da violência ao reconhecimento

Fábio Augusto Morales;¹ Fernando Luís do Nascimento²

Vitor Barletta Machado³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

Este trabalho visa refletir sobre o processo de formação da identidade religiosa de jovens de várias situações sociais na região de Campinas, São Paulo. Olharemos para o processo de identificação a partir da ideia de identidade narrativa do filósofo Paul Ricoeur. Investigaremos como a violência é sempre um risco na relação com aquele que participa de outra denominação religiosa e como atuações de extensão que visam favorecer o reconhecimento do outro são formas importantes para promover uma identidade religiosa tolerante e inclusiva. Tomaremos como referencial prático, os resultados parciais das atividades de extensão dos autores, os quais trabalham com projetos articulados em torno das questões identitárias e de tolerância religiosa pela PUC-Campinas.

Palavras-chave: identidade, religiosidade, tolerância, extensão.

Introdução

O objetivo central deste trabalho é apresentar e refletir sobre algumas atividades realizadas por projetos de extensão da PUC-Campinas que visam promover a formação de uma identidade religiosa inclusiva, o reconhecimento mútuo e a tolerância religiosa. Três são os projetos discutidos aqui: o projeto “Da hostilidade à hospitalidade”, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Luis do Nascimento junto a alunos Colégio de Aplicação Pio XII; o projeto “Lugares da Religião em Campinas: espaço, patrimônio e cultura material”, coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Augusto Morales, junto a duas escolas estaduais campineiras, EE Horta Lisboa e EE Barreto Leme; e o projeto

¹ Doutor em História. Docente extensionista da PUC-Campinas.

² Doutor em Filosofia. Docente extensionista da PUC-Campinas.

³ Doutor em Ciências Sociais. Docente extensionista da PUC-Campinas.



“Intolerância e Violência religiosa: construindo a alteridade no ambiente escolar”, coordenado pelo Prof. Dr. Vitor Barletta Machado, junto à EE Rev. Eliseu Narciso. Cada um dos projetos, se por um lado tem especificidades relacionadas ao público-alvo, às metodologias específicas e aos produtos concretos resultantes das atividades, por outro têm em comum a mesma base institucional - a garantia de 20h remuneradas para atividades de extensão dada pela Universidade - e a intensa colaboração dos coordenadores na elaboração de práticas em comum. Assim, não obstante as especificidades, este texto procurará discutir as questões que afetam os três projetos, apresentando os desafios e possibilidades do diálogo e cooperação entre Universidade e sociedade no âmbito do combate à intolerância religiosa.

Comum a todos os projetos é a reflexão acerca do papel das identidades pessoais na construção de relações (in)tolerantes em relação à diversidade religiosa. O campo brasileiro religioso em geral e o campineiro em particular é marcado por uma complexa história de interação entre religiões de diferentes matrizes e tradições: do início da colonização até o século XIX, a exclusividade oficial do catolicismo andava ao lado da segregação material e simbólica das práticas religiosas de comunidades indígenas e africanas, normalmente em contexto de cativeiro; a lenta introdução de novas denominações cristãs ao longo de século XIX, ao lado da profunda transformação da Igreja católica diante dos desafios da modernidade, preparam o terreno para a abertura religiosa e organização do estado laico que marcaria o regime republicano; tal abertura garantiria uma nova dinâmica ao campo religioso brasileiro no século XX, o qual, apesar de manter historicamente a hegemonia católica, viu tanto o aparecimento de novas religiões (o candomblé, a umbanda, o santo daime, para ficar em apenas alguns exemplos), quanto a introdução de religiões trazidas no contexto seja das migrações e dos contatos culturais possibilitados pelo processo crescente de globalização. O campo religioso atual, portanto, carrega as contradições próprias da formação da sociedade brasileira que se manifestam nos mais diversos aspectos da vida, em particular a contradição dialética entre inclusão e exclusão da alteridade: inclusão excludente, quando subordina o diferente às estruturas de poder dominantes, neutralizando assim sua alteridade radical; ou exclusão includente, na medida em que a constituição da identidade se realiza pelo próprio processo de exclusão da diferença. Exemplo disso é o lugar das religiões de matriz afrobrasileira, incorporadas ao campo religioso mas ainda



objeto de ações de intolerância e violência religiosa, especialmente na medida em que é tomada como referência negativa para diversas denominações cristãs. Tais contradições atravessam a sociedade brasileira, mas a escola é um espaço privilegiado de observação e intervenção: é um espaço fundamental para a produção das identidades religiosas, na medida em que os alunos fundem suas identidades pessoais e repertórios familiares com uma experiência muitas vezes radical de alteridade, de contato com o outro. Neste sentido, ao lado da consideração da história e da sociologia da (con)formação do campo religioso brasileiro e seu impacto no ambiente escolar (ao mesmo tempo produto e vetor destas relações), é fundamental a consideração propriamente filosófica dos processos de constituição da identidade e suas ligações com as práticas de tolerância. Aqui, é particularmente a reflexão de Paul Ricoeur sobre a relação entre identidade e narrativa, reflexão esta que tem orientado as práticas extensionistas dos três projetos.

Um dos elementos que torna tal conceito adequado para esta reflexão é permitir-nos refletir sobre a identidade pessoal religiosa dos jovens de uma forma dinâmica. Isto se deve a alguns fatores. Em primeiro lugar porque o risco da violência e do não reconhecimento do outro influencia decisivamente na limitação da formação da identidade pessoal. Em segundo lugar, porque a formação da identidade pessoal também se dá através do contato com os lugares históricos e monumentos culturais. É através do contato com esses traços culturais do outro que se torna possível um processo de assimilação de novos horizontes. Em ambos os casos, o que está por trás das possibilidades de uma construção identitária mais diversa e respeitosa é o processo chamado por Ricoeur de reconfiguração da identidade pessoal.

O conceito de identidade narrativa nasce como uma das consequências dos estudos realizados por Ricoeur sobre o tempo e a narratividade nos três tomos de “Tempo e Narrativa”. Surgiu da tentativa de Ricoeur de encontrar um ponto comum entre as análises das narrativas históricas e das narrativas ficcionais desenvolvidas ao longo do livro. Esse fecundo e, aparentemente, não esperado rebento da trajetória dos volumes de tal obra ganha papel central no pensamento ricoeuriano subsequente e se torna um dos fios condutores para a reflexão presente em “O si-mesmo como um outro”.

Ricoeur define a identidade narrativa como o tipo de identidade pessoal que se torna acessível através da mediação da função narrativa (1988). Trata-se, portanto, de uma proposta para responder à interrogação fundamental sobre a identidade pessoal: quem sou eu? As propostas filosóficas para a resolução dessa questão são insuficientes para



Ricoeur, porque enfatizam demasiadamente certos aspectos da identidade pessoal e negligenciam outros, que não poderiam ser desconsiderados na reflexão consistente sobre a condição humana conforme a antropologia ricoeuriana do homem capaz, sofredor e agente. Uma das grandes tarefas da identidade narrativa será buscar uma forma de integrar coerente e consistentemente os diversos aspectos peculiares da identidade ao homem.

O que está em jogo é a noção de identidade como permanência no tempo que, para Ricoeur, melhor se coaduna com a identidade da pessoa humana. Essa permanência ao longo do tempo é a chave para a dificuldade de uma noção englobante da identidade pessoal. Por um lado essa permanência pode ser considerada a partir de traços estáveis e estáticos que marcam a reidentificação de determinada pessoa. Ricoeur denomina essas abordagens através do conceito de identidade-idem ou mesmidade. Esse critério busca um substrato imutável que serviria de base de comparação para reconhecer a pessoa como a mesma em dois momentos distintos no tempo. Nessa linha estão, segundo Ricoeur, a substância na tradição ontológica aristotélica e a tradição transcendental kantiana.

O problema é que esse critério de identificação parece negligenciar a fluidez da natureza humana que, mediante a possibilidade sempre presente de mudanças, pode realizar escolhas diferentes e, de certa forma, realmente reconstruir quase integralmente os traços que marcam a maneira como essa pessoa é identificada. A esse polo fluído da manutenção de si próprio da identidade pessoal Ricoeur chama de *identidade-ipse* ou *ipseidade*, negligenciado quase completamente nas filosofias que equiparam identidade à mesmidade.

A identidade narrativa é, portanto, fruto da percepção de que a condição humana é complexa e precisa ser entendida a partir de seus polos de estabilidade, mas também da constante possibilidade e necessidade da pessoa humana de reafirmar-se e escolher novos caminhos existenciais. Essa constatação exige um modelo de identidade que dê conta de ambas demandas. A narratividade com sua capacidade de conciliar descrições de aspectos estáveis como traços de caráter com escolhas e decisões sempre novas e imprevisíveis ao longo do tempo se torna uma forma privilegiada do reconhecimento da identidade pessoal. Outro aspecto especialmente adequado da forma narrativa de aproximação da questão da identidade é que ela permite não apenas a reflexão sobre a identidade pessoal, mas também sobre identidades coletivas através de suas



representações culturais em geral, e religiosas em particular. Mais que isso, permite o reconhecimento das formas nas quais as identidades pessoais se entrelaçam com as identidades coletivas.

Esse é, portanto, o pano de fundo conceitual sobre o qual se assenta a estratégia do desenvolvimento deste trabalho, por meio do qual serão realizados esforços práticos para que através da recuperação da identidade pessoal sejam criadas novas bases para o auto reconhecimento e para o reconhecimento mútuo dos jovens que fazem parte do público alvo dos projetos de extensão aqui apresentados.

Metodologia

Considerando a interação entre identidade e alteridade como ponto fundamental da produção tanto de relações intolerantes quanto tolerantes em relação à diversidade religiosa, as oficinas realizadas no âmbito de cada um dos três projetos, guardadas suas especificidades, utilizam tal interação como estratégia básica de intervenção. Assim, são dois os eixos norteadores da elaboração das oficinas:

1. Em seu primeiro eixo, as oficinas buscam refletir sobre a formação identitária dos jovens participantes e diagnosticar e discutir o risco da violência religiosa entre os jovens. A intolerância religiosa tem gerado demonstrações de violência diversas no mundo contemporâneo, ultrapassando o terreno do desrespeito e caminhando de maneira preocupante para agressões físicas, com ocorrência de casos em diversas escolas pelo Brasil. Não estamos partindo apenas daqueles casos que se tornam conhecidos pela dimensão absurda da violência física que tomam, como o caso de apedrejamento de uma aluna praticante de candomblé em 2015. Mas é a violência cotidiana, do desrespeito, das agressões verbais, ameaças veladas, do isolamento social, da perpetuação de estereótipos negativos, que ocorre em nossas escolas, promovendo conflitos entre alunos, professores, pais e direção. Constatando tal realidade e considerando que a escola é o espaço de construção do respeito à diversidade e do conhecimento, este eixo tem como objetivo discutir a temática da diversidade religiosa dentro da diversidade cultural e do cultivo da alteridade, visando contribuir para o desenvolvimento de um ambiente de acolhimento e não de recusa das diferenças. Assim, as oficinas

são voltadas primariamente ao eixo da reflexão sobre a identidade pessoal e religiosa e como essa identidade se coloca em relação da alteridade dos colegas e de suas respectivas religiões. Consistirá em oficinas de discussão teórica e reflexiva acerca dos conceitos fundamentais como “Identidade e Alteridade”, “Identidade Narrativa”, "diversidade religiosa", "fenômeno religioso", "cultura material" e "produção social do espaço". As oficinas serão dadas a partir de dinâmicas disparadoras da discussão, que serão ao longo do módulo suportadas pela leitura coletiva de trechos da bibliografia pertinente e pela apresentação de estudos de caso.

2. O segundo eixo é marcado fundamentalmente pela tentativa de promover uma reflexão transformadora nos jovens a partir do reconhecimento do alteridade do outro através dos lugares de religiosidade e da reflexão da sua própria identidade pessoal e religiosa através do contato com a identidade religiosa culturalmente expressa em espaços de culto e templos religiosos. Visa, portanto, fortalecer os princípios de convívio democrático, identidade pessoal e tolerância religiosa por meio do aprofundamento do conhecimento acerca das dimensões espaciais e materiais das diversas formas de religiosidade presentes no espaço urbano campineiro, a partir das referências de práticas religiosas (conhecidas e/ou vivenciadas) dos próprios membros da comunidade escolar. Igrejas e santuários católicos, igrejas e sedes de religiões evangélicas, centros espíritas, templos budistas, mesquitas, sinagogas e terreiros de umbanda, centros de pesquisa, museus e bibliotecas estão entre os locais que serão visitados e analisados ao longo do projeto, para que ao final de cada ano haja material suficiente para elaboração de material de divulgação em base virtual - websites e enciclopédias virtuais - para consulta de um público o mais amplo possível. Tais atividades se encontram no cruzamento das propostas de educação patrimonial e valorização da diversidade religiosa e cultural campineira, e tem como resultados esperados, para além de produção de material didático e de divulgação, o incentivo à preservação da memória urbana, à tolerância religiosa e à cidadania democrática. Desse modo, as oficinas se organizam a partir seja de atividades na própria escola, pela introdução da diversidade religiosa no próprio cotidiano (incluindo

de pesquisas sobre outras religiões a debates realizados com praticantes de religiões não-hegemônicas), seja de atividades de estudo dirigido do meio, com visitas a espaços religiosos (igrejas, templos, sedes, terreiros, casas), museus e bibliotecas, ampliando as referências espaciais e culturais do público-alvo.

Resultados e discussões

Os projetos relacionados a este trabalho estão chegando agora à metade de seus biênios. Sendo assim, os resultados e discussões que apresentamos a seguir são ainda parciais, mas cremos que já trazem indicações significativas de alguns dos aspectos fundamentais que traçamos como objetivos primários destas atividades. Os resultados serão organizados em dois conjuntos: (1) observações gerais sobre a percepção e reflexão da identidade pessoal e alteridade; (2) pela discussão de aspectos mais específicos da identidade e alteridade religiosa.

Com relação (1) às observações gerais sobre a percepção e reflexão da identidade pessoal e alteridade pode-se destacar ao menos três discussões exemplares do processos de reflexão identitária promovido pela oficinas.

O primeiro deles aconteceu durante oficinas do projeto “Da hostilidade à hospitalidade”, na qual foram tratadas atividades ou situações que eram agradáveis para os jovens. No relato de um dos jovens tivemos a seguinte ideia reiterada algumas vezes: “90% da minha vida é tédio, ou mais”. Essa afirmação certamente renderia uma longa discussão filosófica que não seria adequada neste espaço, mas ela destaca imediatamente uma questão que está presente para vários dos jovens que estiveram conosco: a falta de percepção de um sentido para aquilo que fazem. Tal constatação pode ter vários aspectos valorativos. Desde uma preocupação fundamental com possíveis problemas mais sérios como, por exemplo, um quadro depressivo, até uma possível leitura existencialista que valoriza esse sentimento de tédio e angústia como um momento importante para o despertar dos jovens. De toda maneira, trata-se de um resultado bem palpável da expressão linguística dos jovens em relação ao processo reflexivo sobre suas próprias identidades pessoais e que afloraram em outros momentos de outras oficinas. Em relação ao reconhecimento, as oficinas foram realizadas em classes de aulas cujos alunos se conhecem já por algum tempo. Isso gera um interessante ambiente de integração de jovens com realidade intrínsecas que na superfície se conhecem bem e



se reconhecem culturalmente de forma quase transparente. No entanto, na medida em que as reflexões das oficinas avançavam, foram aparecendo algumas dificuldades do reconhecimento mútuo que não emergiam na superficialidade das interações cotidianas dos participantes. Esse caso particular aconteceu em uma das oficinas quando uma das participantes fazia o relato de sua “aventura” de final de semana que foi sair com seu pai para comprar “pés de galinha” para uma receita que ela apreciava muito. Alguns dos jovens manifestaram um completo estranhamento daquela culinária que lhes parecia completamente alheia, quase como uma iguaria do sudeste asiático. A participante, ao perceber o estranhamento, perguntou aos demais se não gostavam da “orelha de porco” na feijoada que comiam nos finais de semana. Então outra aluna lhe disse que isso era tão “estranho” quando o “pé de galinha”. De fato, ao ouvirem tal observação os alunos concordaram com a possível estranheza em relação à sua própria alimentação. Obviamente trata-se apenas de um exemplo sem força geral, mas ele ilustra um dos itens que buscávamos no projeto. O reconhecimento do outro que desvela aspectos da própria identidade pessoal e, com isso, gera o reconhecimento mútuo baseado no respeito da diversidade. Uma segunda situação de oficina remete ao trabalho realizado com uma turma de jovens de uma escola pública, dentro do projeto “Intolerância e Violência Religiosa”. A discussão, focada na temática da igualdade, remeteu para as relações entre homens e mulheres, tendo sido destacado pela equipe de extensão a desigualdade salarial. Um dos alunos rapidamente assumiu a postura da identidade do macho dominante, afirmando que as mulheres tinham que ganhar menos pois trabalhavam menos. O comentário estimulou a imediata reação de uma aluna, que até então estava mantendo uma relação difícil com suas colegas, a qual afirmou que as mulheres trabalhavam muito mais, pois arrumavam toda casa, trabalham fora, cuidam da família, fazem comida. Ganhou o apoio imediato das colegas enquanto o aluno que disparou o comentário machista ficou isolado entre os próprios meninos da turma. Percebendo a situação ele deixou escapar um sorriso maroto, de quem sabe que não falou a verdade, causou confusão e não se saiu bem. O caso só reforça a complexidade do processo identitário, que não se resume na adoção convicta ou acrítica de certos papéis, mas de um jogo de interesses e posicionamentos diversos.

O terceiro ocorreu no âmbito do projeto “Intolerância e violência religiosa”. O primeiro encontro com os alunos é iniciado com esta oficina, na qual solicitamos que eles escrevam, ou façam um desenho, uma história em quadrinho, relatando sua história



familiar: de onde vieram, as dificuldades passadas, os sonhos para o futuro. Para tanto disponibilizamos folhas de papel, lápis de cor, canetas hidrográficas. Enquanto realizam a atividade a equipe de extensão circula entre os alunos, conversando, ajudando no que perguntarem. Assim que entregam o material que produziram iniciamos uma segunda etapa, com a leitura de alguns trechos dos relatos, tomando sempre o cuidado de não escolher passagens muito particulares, e pedimos que os alunos digam se sabem quem escreveu aquele texto. Essa oficina nos revelou um dado importante: as turmas mais agitadas eram, justamente, aquelas em que os alunos conheciam muito pouco sobre a vida uns dos outros. A única turma indicada pelos professores como sendo a mais tranquila e melhor de trabalhar foi a que os alunos mais revelaram conhecer diferentes aspectos da vida dos colegas: acertaram todas as respostas na primeira tentativa. A oficina atingiu, então, seu objetivo de revelar aos alunos que eles não conhecem quase nada da vida de seus colegas mais próximos, mas também os ajudou a identificar similaridades nas suas histórias de vida e nos projetos de futuro

Com relação ao segundo conjunto, a discussão específica da identidade religiosa, algumas atividades são particularmente relevantes. No projeto “Intolerância e violência religiosa”, foram realizadas as oficinas “Em que você acredita?” e “Fazer aos outros...”. No caso da primeira, foram focadas na temática específica da intolerância religiosa, iniciadas após uma conversa de retomada das reflexões do primeiro encontro com cada turma. A oficina inicial está centrada na vivência religiosa de cada aluno e de sua família, que são então solicitados a escrever quais são os principais elementos da fé que professam, seus princípios mais importantes. Os alunos que afirmam não seguir nenhuma religião são orientados a refletir sobre quais são os valores que orientam sua vida e a de sua família. Durante a realização desta oficina com as turmas a equipe de extensão já constatou que a maioria dos alunos não sabia dizer quais eram os princípios da religião que seguiam, havendo aqueles que demonstraram total desconhecimento. Terminada a parte escrita passamos a sumarizados os pontos levantados pelos aluno no quadro, apontando os elementos comuns entre as diferentes religiões de cada um. A maioria dos alunos lembrou de proibições ao vestuário e aparência feminina (não usar maquiagem, o tipo de roupa adequada, etc.), pagar o dízimo, a necessidade de rezar, a necessidade ler a Bíblia. Sobre esse último aspecto é interessante destacar que questionados sobre se tinham o costume de ler a Bíblia em casa ou pelo menos nas

celebrações religiosas a maioria afirmou que não. No caso da segunda, o objetivo foi promover a articulação das discussões anteriores, resgatando as diversas questões que foram levantadas pelos próprios alunos em nossos encontros. Os alunos são solicitados primeiramente a refletirem sobre quais são as condições necessárias para que o respeito à diversidade e às diferenças seja possível, contribuindo para a construção de uma realidade mais pacífica. No debate geral é enfatizado que todas as religiões defendem, de uma forma ou de outra, a convivência harmônica e pacífica entre os homens, a qual não pode ser obtida sem a correta compreensão da noção de alteridade, no respeito às diferenças. Após a reflexão eles devem encontrar, em grupos, uma forma de passar tal mensagem adiante, seja através de uma frase, um desenho, uma poesia ou qual era outra ideia que tenham. Ao final dos trabalhos com cada turma a equipe de extensão sempre questionava os alunos participantes sobre o que haviam achado da atividade. As respostas no geral foram positivas, principalmente por parte de alunos que de fato haviam participado e se envolvido. Mas mesmo alunos que haviam se mostrado agitados durante as oficinas ao final se mostraram confortáveis com a equipe. Considero, contudo, que o retorno mais significativo das oficinas veio logo de uma das alunas participantes da primeira turma. Sua sala era justamente aquela na qual os alunos haviam brigado por conta da temática religiosa com o professor de História, e ela mesma foi indicada como uma aluna que tumultuava a turma. Nos dois encontros a aluna demonstrou uma agitação que não é incomum em adolescentes mas também teve uma participação ativa em todas as discussões. Soube apresentar bem o ocorrido com o professor de História da sua perspectiva, mas também soube ouvir todas as ponderações da equipe de extensão. Na despedida da turma no final do segundo encontro ela se aproximou e perguntou ao docente: "Professor, como você faz para ser tão calmo?". Ao ser questionada sobre o sentido do que perguntava, relatou o cotidiano de agressividade na escola, quebrada nas atividades de extensão. Na semana seguinte, o professor de História relatou que a turma estava bem mais tranquila e que essa aluna, ao perceber os colegas se agitando em qualquer discussão, dizia para todos lembrarem das oficinas.

Já no âmbito do projeto "Lugares da religião em Campinas", foi realizado um amplo levantamento sobre as referências religiosas dos alunos (cerca de 160) antes da aplicação das oficinas, por meio de um formulário simples contendo campos a respeito das religiões dos próprios alunos (quando houvesse) e das "religiões outras". Os

resultados da análise quantitativa serão publicados em trabalho próprio: aqui, cabe retomar algumas conclusões. A análise e discussão dos resultados da pesquisa acerca do conhecimento prévio dos alunos demonstrou alguns padrões pelos quais o público-alvo compreende a temática religiosa e aponta direções para a elaboração de estratégias efetivas de educação patrimonial para o combate à intolerância religiosa. Em primeiro lugar, ficou evidente que forma majoritária pela qual os alunos identificam a própria religião se dá sob a unidade básica do cristianismo, distinguindo apenas “católicos” e “evangélicos”. Diante disso, a exploração dos diferentes níveis de unidade e diversidade do cristianismo pode ser uma ferramenta útil para a compreensão do lugar da religião mais familiar no sistema religioso, base para a elaboração de diálogos inter-religiosos densos e significativos. Em segundo lugar, percebeu-se que os alunos, majoritariamente, mantêm relações espaciais com as religiões mais familiares baseadas na proximidade da escola/residência, o que aponta para a utilidade de estratégias de educação patrimonial que combinem, por um lado, o aprofundamento sobre os espaços religiosos mais próximos, e, por outro, a ampliação do repertório espacial-religioso mais distante, especialmente com as regiões centrais da cidade, pouco exploradas no contexto religioso. Em terceiro lugar, a dimensão do desconhecimento acerca dos marcos temporais e espaciais das religiões mais próximas é indicativa da necessidade de ações que visem sanar estas lacunas, de modo a combater uma visão naturalizante e ahistórica acerca do fenômeno religioso. Em quarto lugar, a diversidade de religiões mencionadas como “outras” pelos alunos indica o conhecimento razoável acerca da diversidade religiosa da cidade, mas ao mesmo tempo evidencia a relação que os alunos, majoritariamente cristãos, mantêm com as religiões afro-brasileiras, ainda é a de exotismo e estranhamento, o que demonstra a importância de atividades que combatam as representações superficiais acerca da umbanda e do candomblé, em particular.

Considerações Finais

A elaboração de práticas de extensão universitária voltada ao combate à intolerância religiosa deve considerar uma série de variáveis, para além dos desafios colocados no contexto da aplicação das oficinas. Em primeiro lugar, uma reflexão consistente sobre os fundamentos conceituais das práticas é fundamental; assim, ainda que não seja de modo algum exclusiva, a reflexão sobre o conceito de identidade narrativa em Paul Ricoeur tem sido um norte particularmente importante no tratamento dos problemas



relacionados à identidades pessoais e religiosas dos alunos. Em segundo lugar, a consideração das especificidades históricas e sociológicas do campo religioso brasileiro em geral e campineiro em particular é fundamental para a elaboração das intervenções, associadas aos levantamentos das narrativas e referências religiosas do público-alvo. A diversidade de estratégias para a obtenção destas informações é infinita, e aqui apresentamos apenas alguns exemplos e suas potencialidades. Certamente, muito trabalho será feito, mas acreditamos que as reflexões aqui apresentadas podem contribuir para a reflexão das relações entre extensão universitária e religião.

Referências

ANDRADE, M. **500 Anos de catolicismos & sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2002.

_____. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, pp. 106-116, 2009

KEARNEY, Richard. **Strangers, Gods and Monsters: Interpreting Otherness**. Nova Iorque: Routledge, 2005.

_____. **On stories: Thinking in Action**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

_____. **A Reprodução das Relações de Produção**. Tradução: Antonio Ribeiro e M. do Amaral. Porto (Portugal): Publicações Escorpião - Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973.

QUINTANA, E. Intolerância religiosa na escola: O que professoras filhas de santo tem a dizer sobre esta forma de violência. **Revista Fórum Identidades**, a. 7, v. 14, pp. 127-140, 2014.

RICOEUR, P. **L'identité narrative**. Esprit, Paris, n. 7-8, p. 295-304, 1988. p. 295.

_____. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

_____. **Tempo e narrativa I**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Tempo e narrativa II**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010

_____. **Tempo e narrativa III**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010



II CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE
PESQUISA, INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA IZABELA HENDRIX
De 24/04 a 28/04 de 2017
Belo Horizonte - Campus Praça da Liberdade



VIEIRA, E.; VALQUIND, L. **Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.